

Do Mito à Ficção: A História do Futuro de António Vieira

Mestrando. Alexandre Claudius Fernandes¹ (UNESP)

RESUMO: A obra especulativa do Padre Vieira, escrita em grande parte durante o processo de inquisição que foi vítima, apresenta um mosaico de textos entrelaçados re-criando uma história do porvir á nação portuguesa e ao mundo. Neste universo ficcional tecido por Vieira os mitos locais, judaicos e universais acham morada. De um tratado hermenêutico a uma história incrível o jesuíta re-escreve o inexistente e gerando uma História do Futuro.

Palavras-chave: Vieira; história; Futuro, mito, intertextualidade

Introdução: O futuro a Deus pertence

Disse-lhes Jesus: Acerca daquele dia ou daquela hora ninguém sabe nada, nem mesmo os anjos no Céu, nem o Filho, senão o Pai.

(Evangelho de Marcos, cap.13, vers. 32)

Conjeturar sobre as ações e eventos que ocorreram é sempre uma árdua tarefa. Recolher materiais, examinar manuscritos, averiguar fontes históricas e coletar vestígios de um tempo que não mais existe ou ruínas do tempo. A recolha de conhecimento adquirido através da tradição e documentos, relativos a evolução e ao passado da humanidade, é definição de História. O conceito de história, também muito ligado ao conceito de narrar, é um resgate por meio da memória. A memória, que pode ser um artefato (facção artística, etimologicamente), carrega uma rede de significados referente à época em que era funcional. Um outro processo, muito ligado ao aspecto místico, é a capacidade de falar e (pre)ver o futuro. O futuro, uma espécie de massa temporal contingente, revela o porvir, o que não é e quicá virá à existência. Busca-se uma dobre na linha do tempo com intuito de reconhecer este amorfo enigma do destino. Uma resposta para o futuro pode estar no passado, isto é, apreender por meio de experiências passadas com o intuito de descortinar o palco do futuro. Olhar para trás e reescrever o que se vê com técnica e experiência acumulada pode abrir brechas que permitam testemunhar o inexistente. Este tipo de criação, fictícia em sua gênese, exceto aos iluminados profetas e oráculos do destino, é o relato de uma história do que há de ser e um futuro do não mais é.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – UNESP / Araraquara.
(Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP)
myliteratureprofessor@yahoo.com

O sacerdote jesuíta Antonio Vieira (1608 – 1697) é conhecido indiscutivelmente por sua oratória. Filiado à Companhia de Jesus, seguidora de Aristóteles e o mestre medievo são Tomás de Aquino, o jesuíta viveu no apogeu do gongorismo, mas em 1655(**Sermão da Sexagésima**) fez questão de se contrapor aos pregadores dominicanos² deste **cultismo**. Outras atribuições são constantemente objetos de estudos³ de historiadores, linguistas, religiosos e literatos. O Padre Vieira, além de magistral pregador, foi também missionário, político e conselheiro real, escreveu mais de setecentas cartas e cerca duzentos sermões, além de relatórios e petições. O tema do Quinto Império, caríssimo a esta comunicação, é encontrado, além das obras que aqui se analisa, nos sermões a Santo António, São Roque e aqueles proferidos quando do nascimento ou morte de descendentes de D. João IV (Muraro, 2003, p. 21). Este império sucessor de outros temporários (Persa, Assírio, Grego e Romano), defendido pelo jesuíta em pleno século XVII⁴, foi uma afronta aos preceitos Tomistas, teológicos e, conseqüentemente, inquisitoriais. O escopo vieirino era revelar o destino de Portugal na concretização dos desígnios Divino. Estes escritos escatológicos eram hermenêuticos, proféticos, messiânicos, escatológicos e utópicos. Tanto a **Carta Esperança de Portugal**, quanto a **História do Futuro e Clavis Prophetarum**, principais tratados especulativos sobre o Quinto Império, tinham a pretensão não de deleitar os ouvintes, mas de convencê-los de verdades reveladas na escritura, nas **Trovas do Bandarra**, nos episódios políticos em fenômenos astrológicos. António Vieira: o último exímio messiânico português.

Três são os cardeais momentos na produção de Vieira que aqui se profetiza a hipótese deste como produtor de textos ficcionais por intermédio da Inquisição: a **Carta Esperanças de Portugal**, a **História do Futuro e Clavis Prohetarum**. O grande pivô que levou o Padre Vieira, em 1660, ao Tribunal do Santo Ofício foi a **Carta Esperanças de Portugal**, enviada ao Bispo Dom André Fernandes, que era uma espécie de interpretação das profecias de Bandarra.

A **História do Futuro** de António Vieira é um compêndio hermenêutico, do qual relendo, reescrevendo, re-interpretando e re-significando textos canônicos eclesiásticos, míticos e bíblicos, ansiou por divulgar revelações acerca da pátria portuguesa e seu futuro. Esta narrativa, deixada inacabada pelo jesuíta, foi abandonada pelo desinteresse de Viera, não do tema, mas de sua veracidade com seu tempo, segundo Raymond Cantel (1964, p. 48). E foi no recolhimento forçado em Coimbra, que o jesuíta retomaria, a partir de 1664, a redação, abandonada há quinze anos em função das atividades administrativas e missionárias, da **História do Futuro** (Muraro, 2003, p. 206). Estes textos foram exumados e publicados por Lúcio de Azevedo em 1918, fragmentadamente incompletos. Ainda no texto *L'História do Futuro du Père António Vieira*, Raymond Cantel estabelece duas datas para a composição desta obra especulativa - 1849 e 1664 - no entanto, questiona as evidências do capítulo II, em que Vieira expõe o ano de 1649, pois não necessariamente o jesuíta iniciaria sua obra pelos primeiros capítulos:

² Um dado interessante é que foi justamente um dominicano, Nicolau Eymerich, que estabeleceu as regras da Inquisição em Portugal no *Manual dos Inquisidores*(1376).

³ Grandes críticos, historiadores e biógrafos estudaram e estudam o jesuíta (tanto o sermonário quanto os textos messiânicos) alguns deles são: João Lúcio de Azevedo, Afonso Pena Júnior, Afrânio Peixoto, Hernâni Cidade, Raymond Cantel, Ivan Lins, Antônio Saraiva, José van den Basselaar, Alfredo Bosi, Anita Novynski, Adma Muhana, Alcir Pécora, Margarida Mendes e João Adolfo Hansen.

⁴ Alguns nomes contemporâneos de António Vieira foram: Bacon, Spinoza, Bossuet e Descartes.

La première objection qui vient à l'esprit est que, si le chapitre II a été amorcé en 1649, rien ne prouve que Vieira ait commencé à écrire son ouvrage par les premiers chapitres. La première page d'un livre est parfois la dernière que l'on écrit.

(Cantel, 1964, p. 25)

E Cantel, que sempre lê e analisa Vieira em contraste ou concordância a Lúcio Azevedo e Hernâni Cidade, ao buscar a quem se endereçava a **História do Futuro**, aponta:

Dans sa requête du 21 septembre 1665 adressée au Conseil General de l'Inquisition à Lisbonne, présente l'Histoire du Futuro comme une sorte de resume de son argumentation sur les propositions qu'il entend défendre devant le Saint-Office.

(idem, p. 26)

2 O intertexto no messianismo de Vieira

A Europa seiscentista passava por crises políticas e econômicas. Fenômenos astrológicos⁵ rondavam o cotidiano que eram sempre interpretados por um olhar místico e fantástico. Na fé barroca acentuava-se a visibilidade do prodígio e a sua existência política gerando:

(...) um impacto patético das maravilhas, a sua composição cotidiana com as leis naturais, a urgência das profecias e da autonomia nacional da monarquia, a urgência é circunstancial no século XVII europeu(...)

(Pécora, 1994, p. 226)

O fim dos tempos aparecia se aproximar e voltar os olhos nas profecias do Antigo Testamento tornou-se uma obsessão a judeus e cristãos. O século XVII acabou sendo um período de novidade espiritual, pois de acordo com as evidências a vinda do messias aproximava-se. Acontecimentos redentores corroboravam tal tese. Tanto que em 1650, Menasseh ben Israel, rabino judeu de Amsterdã, publica *Esperance D'Israel*, nove anos antes da carta **Esperanças de Portugal** de Vieira. O rabino, que antes se chamara Manoel Diaz Soeiro, nascido em Portugal em 1604, estudioso da Cabala, era descendente de família judaica expulsa da Espanha.

Deparar-se com títulos tão próximos, senão tão semelhantes, causa hesitação, ainda que tenham origem no texto do profeta Jeremias. Nada se pode afirmar de concreto, mas segundo um estudo de Harold Fisch, Menasseh ben Israel teria encontrado o jesuíta, que demonstrou profundo interesse e excitação nos textos do judeu sobre a descoberta das Dez Tribos (Fisch, 1972, p. 25). Por outro lado, Antonio Saraiva alega que Vieira influenciou os pensamentos messiânicos do rabino, levando-o a escrever a *Pietra Gloriosa de la estatua de Nabuchadnesar* e *Esperance D'Israel*. Quanto à descoberta das Dez Tribos, tal está relacionado com o desaparecimento das dez, de doze, tribos do reino israelita que foram

⁵ Ainda no século XVII astronomia e astrologia eram vistas como ciência única.

invadidas pelos assírios em 721 a.C., causando mais uma diáspora do povo judeu, gerando a crença da restauração do reino na Terra Prometida, com a re-união das doze tribos. O tema central da *carta* de Vieira e o texto do judeu se refletem: a salvação universalista. Menasseh ben Israel se apóia no Talmude para identificar que ainda há justos em todas as nações do planeta, um olhar mais abrangentemente mais salvífico.

Há uma profunda semelhança quantos as datas messiânicas, estas formadas pelas descobertas do rabino através da cabala (1648 e 1666). A obra *Espérance D'Israel* fortalecia as esperanças dos judeus em Amsterdã, tal qual a carta, e principalmente a **História do Futuro**, à Portugal, como nação eleita. O messianismo judaico sempre teve, em sua essência, um teor político, pois o Messias seria o redentor nacional, tal visão fora utilizada por Bandarra, provavelmente influenciado pelos cristão-novos e judeus encobertos. Re-utilizado e proclamado por Vieira anos mais tarde. Outro aspecto de aproximação entre os teólogos foi o idioma. O texto do rabino, atendendo a diversas requisições do exterior escreve em latim, o que Vieira fará na **Clavis Prophetarum**. O jesuíta foi acusado pela inquisição de judaísmo e por utilizar-se de textos proibidos, como as trovas, ainda que estas estavam liberadas no período em que escreveu a carta ao Bispo. Também Menasseh fundamenta suas teses em autores ateus e cristãos, pois havia a necessidade em conciliar o discurso judeu aos dos cristãos católicos e protestantes de Amsterdã, o que gerou reprovação por parte dos judeus quanto à integridade doutrinária. Tanto um como o outro interpreta a pedra na estátua de Nabucodossor, no livro de Daniel, como o Quinto Império. Vieira assim o faz na **História do Futuro** e o rabino, em seu texto *Pietra Gloriosa de la estatua de Nabuchadnesar*. Menasseh ben Israel e Antonio Vieira são os grandes expoentes e oráculos do messianismo escatológico judeu e cristão do século XVII (Muraro, 2003, p.144).

O que de concreto podemos alegar é um diálogo entre os textos de Menasseh e Vieira. Uma proximidade messiânica. Não obstante tais evidências na composição ou recomposição do messianismo lusitano, Vieira, com engenhosidade e perspicácia, ainda introduziu e reverteu as trovas do Bandarra, até então sebastianistas, em joanistas.

A visão que Vieira lançava sobre o Quinto Império e o Encoberto, nos textos proféticos, era distinta em diversos aspectos da crença sebastianista. A re-interpretação dada as Trovas do Bandarra, as re-leituras aplicadas aos livros de Daniel e Apocalipse da Bíblia e a influência do messianismo judaico ressignificaram, aos olhos vieirinos, o futuro predestinado da nação portuguesa. Um fator importante, sobre o momento em que o jesuíta lança suas esperanças e convocações à nação, é a de que século XVII era uma clara extensão da Idade Média na Península Ibérica e que a questão messiânica e crença do encoberto está disseminada e contaminada pela fantasia, mística e até a cabala. Assim os escritos messiânicos de Vieira, já influenciados pela retórica jesuítica e pela importância da Companhia de Jesus no panorama sócio-político, mergulham em uma densa rede de pensamentos e crenças, demonstrando o engenho e o ficcional a que estes são amarrados.

O sebastianismo a que o jesuíta subverte, foi fruto de três tendências: o mito celta do encoberto Arthur; o joaquinismo; e o messianismo judaico. Vieira também não se esquece de utilizar uma técnica comum nos séculos XVI e XVII de determinar a gênese do seu país, à linhagem hebraica do **povo escolhido**, para isto “Tubal”⁶, o neto de Noé, é

⁶ O neto de Noé, Tubal, foi fundador de Setúbal primeiro povoado, segundo as crônicas de Frei Bernardo de Brito, de Portugal.

reconhecido como fundador da nação, sem se esquecer dos heróis Ulisses, Lísias⁷ e Luso⁸: Portugal cristão, maravilhoso e mítico. Originária dos países anglo-saxões, as novelas de cavalaria sobre o Rei Arthur remonta as lendas do “rei-encoberto” sob as brumas da Ilha de Avalon, delineando já uma forte raiz protocristã, como na re-significação do Graal em Cálice Sagrado. Ao escrever, em 1520, a **Crônica do Imperador Clarimundo**, o poeta João de Barros difunde os preceitos arturianos em uma perspectiva lusitana utópica. Seguindo a idéias do monge cisterciense Joaquim de Fiore, o joaquinismo é levado a Portugal pelos franciscanos. A influência do Torá e dos textos bíblicos no joaquinismo é muito evidente, principalmente no que diz respeito ao Quinto Império, tendo por base os textos de Daniel 7:26 e 27 e do Apocalipse de João. Quanto ao influxo judaico este se inicia com a Diáspora e a destruição de Jerusalém em 70dC. Diversos judeus estabeleceram-se na península Ibérica, instaurando sua cultura e crença, o que contaminou as lendas e crenças já existentes ali, reforçando a idéia de um messias restaurador.

Não se pode também esquecer que o bandarismo sebastianista e vieirino, de força joanina, também sofreu influências de outro importante profeta, escritor das célebres *Centúrias*: Nostradamus. O padre Antônio Vieira, em carta a Jacome Squarçafigo, relata ter encontrado nas *Centúrias* a ressurreição de D. João IV. Deve-se também contradizer que muitos sebastianistas ortodoxos utilizavam-se dos textos de Nostradamus para darem respaldo à D.Sebastião.

A esperança, a aflição e a tragédia alimentaram o mito sebástico durante séculos. O infante Dom Sebastião era um rei frágil de um reino frágil (Lourenço, 1999 p. 46). Obviamente o herói é aquele onde se depositam as esperanças da humanidade e sendo o salvador se auto-sacrifica (Campbell, 119). Dom Sebastião nesta linha encarnava tais ansiedades, contudo é o *sebastismo quem sebastianiza os sebastianistas* (Lourenço, 1999, p.47). Na batalha marroquina, de 1578, o caráter obsessivo do desejado infante-rei o levou a sucumbir e Portugal a perder sua independência. Contudo, a fé no mito sebástico, ou sebastianista, tem suas origens também em um quarto, e delicadíssimo, elemento: as Trovas de Bandarra. A mais reveladora das profecias que versa sobre o volta do Encoberto, monarca lusitano que guiaria todos os povos em direção a uma única fé.

No século XVI, Portugal já não era a mesma potência como a nação de outrora. A decadência econômica e suas possessões africanas estavam por ruir. O desejo nostálgico do passado manuelino e o ânimo das cruzadas medievais ainda era vivo. Baseado na promessa, o discurso social seiscentista lusitano estabelecia a nação portuguesa destinada a conduzir a Igreja Católica na missão de conquistar e converter os não-cristãos. O **ethos** coletivo português deveria ter ciência do papel na predestinação. O sapateiro Gonçalo Anes Bandarra era da vila de Trancoso, nas Beiras, região de um grande aglomerado de cristãos-novos. Em pouco tempo ele se tornou um **rabino da vila** por comentar e interpretar a Bíblia. Falecido em 1545, suas trovas pressagiavam contra a corrupção e prenunciavam a conquista de Marrocos e o Quinto Império. Há nas trovas uma busca pela figura de D.João a quem Bandarra cita, o que será uma chave interpretativa ao messianismo de Vieira. Suas profecias inundavam os vilarejos e os portugueses de esperança e melancolia sobre o retorno de um libertador e a grandeza da nação. Com o êxodo dos judeus da Espanha em

⁷ Baco ao chegar a Espanha maravilhou-se com Portugal e desejou ter um filho, rei deste lugar: Lísias.

⁸ Após a morte de el-rei Luso, os portugueses se denominam lusitanos. A morte deste herói é já uma origem tipológica das *saudades* e da *melancolia* portuguesa que choravam pela morte do monarca.

1492, as expectativas messiânicas voltaram a fluir no imaginário judaico, e esta movimentação nos ânimos semitas *contagiou o pobre sapateiro de Trancoso, levando-o às suas fantasiosas profecias sobre o Encoberto* (Novinsky, 1998, p. 66). Durante a Inquisição a leitura das trovas fora por diversas vezes proibida e liberada. Em 1541, Bandarra foi condenado pelo Tribunal do Santo Ofício a abjurar suas trovas. Somente no século XIX, as Trovas tomaram um aspecto apócrifo e não mais efetivamente profético. Anita Novinsky relata a situação portuguesa e a influência destes textos, assim:

O sentimento de perda da autonomia nacional, a perseguição sanguinária crescente da Inquisição e miséria foram fatores decisivos para a transformação de D. Sebastião no salvador encoberto. Mesclavam-se as aspirações dos portugueses cristãos-novos e cristãos-velhos, ambos numa inspiração salvacionista.

(Novinsky, 1998, p. 69)

Sonhado e ficcionalizado por Bandarra, o Quinto Império é o regresso do novo rei Arthur, agora Dom Sebastião. O sebastianismo foi assim o espírito barroco melancólico português (França, 1997, p.227). António Vieira também se baseou nas trovas proféticas do Bandarra. Entretanto, o olhar do inaciano era singular e inédito. O Portugal de Vieira precisava renascer, restaurar-se, fazer valer sua identidade. A exegese vieirina rompe com o misticismo sebastianista e atualiza sob uma vertente, ainda mística e mítica, mais próxima e íntima. Não mais um débil infante, mas o rei, falecido, Dom João IV.

3 O novo Encoberto: D. João IV

A substituição do rei-encoberto, que até então era Dom Sebastião, para Dom João IV demonstrou, mais uma vez, toda a engenhosidade do inaciano. É fato que, de primeiro momento, Vieira era não inventor desta teoria, mas pertinaz porta voz (Besselaar, 2002, p. 283). A crise e o conflito entre as facções, joanistas e sebastianista, sempre foi muito tenso e intenso. Quando retornou a Lisboa em 1641, o país já vivia uma febre do bandarrismo joanista. Na igreja de São Pedro, uma rica sepultura, reluzia em sua lápide: “*Aqui jaz Gonçálianes Bandarra, natural desta vila, que profetizou a Restauração deste Reino, e que havia de ser no ano de 1640 por El-Rei D. João IV, Nosso Senhor, que hoje reina; faleceu na era de 1545*”.

Para comprovar na carta⁹ a André Fernandes, Bispo do Japão, a tese, Vieira precisaria comprovar primeiro que Bandarra era verdadeiro profeta. Só então, depois de comprovado o dom profético do sapateiro, poderia adentrar na exegese textual das trovas. O livro de Deuterônomo no capítulo 18, versículo 22, é escolhido para a certificação de um profeta. Na carta **Esperanças de Portugal**, o jesuíta cita o trecho bíblico:

“Se não suceder o que o profeta disser, tende-o por falso, e se suceder o que disser, tende-o por verdadeiro e mandado por mim”

(Vieira, 1925, p.490)

⁹ Um dado relevante, relatado por José van den Besselaar, é que Vieira ao escrever a *Carta Esperanças de Portugal* não utiliza as primeiras edições completas (Nantes) das Trovas, que saiu em 1644, mas sim cópias das manuscritas. Diferentemente dos textos escritos por ele durante a Inquisição (Besselaar, 2002, p.293).

O que Vieira buscava era demonstrar o *ethos* do profeta pela práxis, isto é, pela realização da profecia. A carta era um tratado que se resumia num silogismo¹⁰ de dupla função: provar que Bandarra era de fato profeta; e que D. João IV ressuscitaria:

O Bandarra é verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que El-Rei D. João o quarto há de obrar muitos cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando: logo, El-Rei D. João o quarto há-de ressuscitar.

Os anos quarenta, que apareciam de forma clara nas novas cópias das Trovas, se adequaria perfeitamente ao joaquinismo: D. João IV fora aclamado rei em 1640. Bandarra assim predissera inclusive a aclamação do encoberto. Os sonhos proféticos¹¹ pelos quais Bandarra escrevera suas trovas foram re-interpretados por Antônio Vieira, segundo sua formação jesuíta e escolástica, de forma alegórica e tipológica, pois estas narravam a história de Portugal. No entanto, Vieira parecia adentrar um labirinto de Dedalus, pois como comprovar o verossímil nos textos de Bandarra, sendo que nada havia se cumprido ainda? A causalidade de caráter contingente divino era o trunfo. Um mestre na arte silogística, na manipulação e construção de fatos incríveis. Outro argumento que Vieira utiliza-se está, também, nos Autos do Processo. No 2º Exame, ao responder sobre o **Sermão de Salvaterra**, onde falara da ressurreição de D. João IV e suas convicções a cerca do Bandarra, assim declara:

(...)junto a um altar da Sé de Lisboa não se lembra qual puseram uma imagem do Bandarra vestida, no dia da procissão da aclamação de Sua Majestade e que o Santo Ofício não fizera nisso reparo algum como nem o título da sepultura do mesmo Bandarra que está na Vila de Trancoso na parede de uma igreja que não sabe o nome, da banda de dentro, dizendo-se no dito ‘que o Bandarra vivera com espírito profético’

Conhecendo a fragilidade de D. Sebastião como rei, sendo amigo pessoal de D. João IV e reconhecendo rastros que o conduzia a crer que el-Rei não havia obrado tudo que devia, Vieira cria uma rede interligada de fatos, nem sempre muito fatídicos, e re-vitaliza os joaquinismo, fazendo ressurecto não o rei, mas as esperanças de Portugal.

¹⁰ O silogismo é um raciocínio no qual, estando dadas certas premissas, uma proposição nova delas resulta necessariamente (Aristóteles, 1967, p.100- Topiques). Na retórica, onde poucas são as premissas indubitavelmente verdadeiras, quer dize, axiomáticas, o silogismo tira suas conclusões de premissas admitidas genericamente como verdadeiras, ou seja proposições verossímeis, ou aprovadas pela opinião (Muhana, 1989, p.46)

¹¹ A profecia seria uma combinação singular de contingências aparentes e finalismo sistemático. A essência do discurso profético era de ordem religiosa. O profeta se crê inspirado por uma força sobrenatural que o transcende e de que ele é mensageiro. Essa pertença do profetismo à linguagem religiosa não impede a sua aplicação à ordem secular, ao mundo, ganhe uma dimensão política; ao contrário, o profeta trata de poderes que serão abatidos e de poderes que serão levantados. (Cf. BOSI Alfredo, *Vieira e o Reino deste Mundo*, p.19).

Conclusão

Clavis Prophetarum e **História do Futuro**, projetos inacabados do inaciano, mesmo sem terem sido escritos em decassílabo, ou antes, em hexâmetro dactílico, são envoltos de um **epos** engenhoso e agudo. Para Nortrop Frye tanto o **epos** como ficção assumem primeiro a forma da escritura sagrada e do mito, e só então a ficção, mais tarde, ocultará o teor do **epos** (1973, p. 246). No **epos**, o autor defronta-se diretamente com a audiência e as personagens permanecem encobertas (ibid, p. 245). Fatos históricos, personagens heróicos (“Encobertos”) e mitos da identidade nacional são narrados em ático ritmo prosaico. A narrativa épica¹² vieirina, que mais parece uma *contra-épica*, pois além de estar na forma prosaica narra coisas futuras, é voltada para a coletividade, primeiramente portuguesa, na **História**, e em seguida para todos os povos, em **Clavis**. Vieira poeta, épico, barroco, orador, artífice, sonhador e réu: estes são adjetivos indelévels, não no homem, mas nas suas *confissões*, na sua **Apologia**, em suas **cartas**, enfim no seu por vir, chamado *História*.

Referências

- AZEVEDO, João Lúcio. **Cartas do Padre Vieira**. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1925.
- BESSELAAR, José van den. **Antônio Vieira – Profecia e Polêmica**. Rio de Janeiro, Eduerj, 2002.
- BOSI, Alfredo. Vieira e o reino deste mundo. In: IANNONE, Carlos Alberto; GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; JUNQUEIRA, Renata Soares. **Sobre as Naus da Iniciação**. São Paulo, Unesp, 1998.
- CANTEL, Raymond. **Prophétisme et messianisme dns l’oeuvre D’Antônio Vieira**. Paris, Hispano-americanas, 1960.
- CANTEL, Raymond. L’História do Futuro du Père Antônio Vieira. **Bulletin des Études Portugaise**. Lisboa, Institut Français au Portugal, Nova Série, t.25, 1964.
- FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. **Portugal na Época da Restauração**. São Paulo, Hucitec, 1997.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo, Cultrix, 1973.
- HANSEN, João Adolfo. **Clavis Prophetarum: Profecia e Tempo**. In: WILLEMART, Phillipe (org.). **Gênese e Memória**. São Paulo, Annablumme, 1995.
- HANSEN, João Adolfo. Correspondência de Antônio Vieira (1646-1694): O Decoro. In: **Revista do departamento de Filosofia da USP**. São Paulo, 2000.
- HANSEN, João Adolfo. Vieira, forma e Função. In: **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**. São Paulo, 1997.

¹² A épica é aqui determinada como uma longa narrativa literária de caráter heróico, grandioso e de interesse nacional, social e político; e que apresenta uma atmosfera maravilhosa em torno de acontecimentos históricos.

HANSEN, João Adolfo. **História e poesia nas cartas do Padre Antônio Vieira**. http://www.flch.usp.br/sdi/imprensa/noticia/028_2003.html. Acesso em: 21 dez 2006.

LINS, Ivan. **Sermões e cartas do Padre Antônio Vieira**. Rio de Janeiro, Ediouro, sd.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

MENDES, MARGARIDA. O Relevo de Chaves dos Profetas. In: **Vieira Escritor**. Lisboa, Cosmos, 1997.

MURARO, Valmir Francisco. **Padre Antônio Vieira- retórica e Utopia**. Florianópolis, Editora Insular, 2003.

MUHANA, Adma Fadul (org). **Os autos do processo de Vieira na Inquisição**. São Paulo, Unesp, 1995.

MUHANA, Adma Fadul. **Os recursos retóricos na obra especulativa de Antônio Vieira**. São Paulo, 1989. 237 f. . Dissertação (Mestrado em Literatura) - Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

MUHANA, Adma Fadul. A Clavis Prophetarum de Antônio Vieira. IN: **Para Segismundo Spina**. São Paulo, Iluminuras, 1995.

NOVINSKY, Anita. Sebastianismo, Vieira e o messianismo judaico. IN: IANNONE, Carlos Alberto; GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; JUNQUEIRA, Renata Soares. **Sobre as Naus da Iniciação**. São Paulo, Unesp, 1998.

PÉCORA, Alcir. **Teatro Sacramento**. São Paulo, Edusp, 1994.

PÉCORA, Alcir. O processo inquisitorial de Antônio Vieira. In: IANNONE, Carlos Alberto; GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; JUNQUEIRA, Renata Soares. **Sobre as Naus da Iniciação**. São Paulo, Unesp, 1998.

SILVA, Janice Teodoro da - A retórica do cativo: Padre Antônio Vieira e a inquisição. In: **Actas do 1.º Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição**, vol. 2. Lisboa, Universitária Editora, 1989, p. 775-778

SARAIVA, António José. **O discurso engenhoso**. Lisboa, Gradiva, 1996.